



CÂMARA DOS DEPUTADOS

OSWALDO ZANELLO
A.H. CUNHA BUENO
AGOSTINHO RODRIGUES

PLÍNIO SALGADO
1895 — 1975

Brasília — 1976

CÂMARA DOS DEPUTADOS
Centro de Documentação e Informação

PLÍNIO SALGADO

1895 — 1975

**Discursos pronunciados em Sessão
Solene de 10-3-1976, pelos
Deputados Oswaldo Zanello, A.H.
Cunha Bueno e Agostinho Rodrigues**

•

Coordenação de Publicações
Brasília — 1976



Digitalizado pela
Frente Integralista Brasileira
<http://www.integralismo.org.br/>

Deus - Pátria - Família

No dia 10 de março de 1976, a Câmara dos Deputados, cumprindo determinação do Plenário ao requerimento dos Deputados A.H. Cunha Bueno e Oswaldo Zanello, reuniu-se em sessão solene de homenagem ao ex-Deputado Federal Plínio Salgado, estando presente sua viúva, Dona Carmella Patti Salgado. As galerias da Câmara estavam repletas de amigos e admiradores do homenageado. O Presidente da Casa, Deputado Célio Borja, ao encerrar a Sessão, e depois de declarar que a Presidência e a Mesa se associavam às homenagens do Plenário a Plínio Salgado, afirmou: “relembramos a sua atuação parlamentar, marcada pelos discursos ricos de idéias e de cultura. Também o homem de letras, o historiador, o campeão de suas próprias idéias geradas pelo seu imenso amor à Pátria e pelo seu extraordinário espírito crítico, inconformado com a decadência dos valores em que acreditava e pelos quais viveu”.

Foram oradores da Sessão os Deputados Oswaldo Zanello (ARENA — ES), A.H. Cunha Bueno (ARENA — SP), e Agostinho Rodrigues (ARENA — PR).

Receberam apartes dos seguintes Deputados: *Herbert Levy* (ARENA — SP); *Antônio Bresolin* (MDB — RS); *Lauro Leitão* (ARENA — RS); *Daso Coimbra* (ARENA — RJ); *Gastão Müller* (ARENA — MT); *Eduardo Galil* (ARENA — RJ); *Santos Filho* (ARENA — PR); *Célio Marques Fernandes* (ARENA — RS); *Joaquim Bevilacqua* (MDB — SP); *Alexandre Machado* (ARENA — RS); *Lomanto Júnior* (ARENA — BA); *Ivahir Garcia* (ARENA — SP); *Navarro Vieira* (ARENA — MG); *Cardoso de Almeida* (ARENA — SP); *Israel Dias-Novaes* (MDB — SP); *Pacheco Chaves* (MDB — SP); *Norberto Schmidt* (ARENA — RS); *João Alves* (ARENA — BA); *João Vargas* (ARENA — PB);

O SR. PRESIDENTE (Célio Borja) —

V — Passa-se ao Grande Expediente, que se destina a homenagear a memória do ex-Deputado Plínio Salgado.

Tem a palavra o Sr. Oswaldo Zanello.

O SR. OSWALDO ZANELLO (ARENA — ES. Pronuncia o seguinte discurso.) — Sr. Presidente, Srs. Deputados, "Deus dirige o destino dos povos!" Com esta máxima, rica de conteúdo e plena de verdade, Plínio Salgado, em 1932, oferecia ao povo brasileiro a mensagem de renovação contida no Manifesto de Outubro, que lançava a Ação Integralista Brasileira. Dirigido à Nação, ao operariado do País e aos sindicatos de classe, aos homens de cultura e pensamento, à mocidade das escolas e das trincheiras e às classes armadas, iniciava no Brasil uma intensa pregação nacionalista e patriótica contra o colonialismo e o comunismo. Combatia os trustes internacionais e o imperialismo, defendendo o monopólio estatal do petróleo e as nossas riquezas naturais.

O Integralismo, com a mente voltada para Deus, visava aos interesses supremos da Pátria, anseios esses profundamente arraigados no seio da família.

Nesta sessão solene em que homenageamos o grande brasileiro que foi Plínio Salgado, não venho a esta tribuna lamentar a morte de um dos nossos maiores pensadores políticos e dos mais significativos literatos. Antes, venho lembrar episódios de sua dignificante existência, toda ela devotada à grandeza do Brasil.

O Sr. Herbert Levy — Permite-me V. Ex.^a um aparte?

O SR. OSWALDO ZANELLO — Com muito prazer.

O Sr. Herbert Levy — Nobre Deputado Oswaldo Zanello, a Câmara homenageia hoje um brasileiro autêntico, um líder sempre fiel às suas idéias, homem de uma integridade total. Morre pobre, deixando o País rico com as idéias que espargiu durante sua longa vida pública. Não concordei sempre com o pensamento político do Sr. Deputado Plínio Salgado, mas nos últimos anos, desde a Revolução de 1964, encontramos o caminho comum, na defesa dos interesses de nossa Pátria. É com respeito e emoção que revivo neste momento a memória de Plínio Salgado, homem íntegro, autêntico e patriota. Quero que V. Ex.^a me permita juntar a voz de São Paulo ao seu brilhante discurso em homenagem a este grande brasileiro desaparecido.

O SR. OSWALDO ZANELLO — Muito obrigado a V. Ex.^a, nobre Deputado Herbert Levy. Seu aparte é realmente digno de uma das figuras desta Casa a quem Plínio Salgado mais estimava e admirava, que é V. Ex.^a

O Sr. Antônio Bresolin — Permite-me V. Ex.^a um aparte?

O SR. OSWALDO ZANELLO — Com prazer.

O Sr. Antônio Bresolin — Nobre Deputado, associe-me à homenagem que V. Ex.^a presta ao Deputado e grande escritor brasileiro que foi Plínio Salgado. Tive a honra de privar da amizade daquele nosso colega, cuja obra literária conheço praticamente toda. Inclusive, publiquei um artigo fazendo a apreciação do seu belo livro "A Mulher e o Século XX", como também sobre seu último romance, "O Tripandé", que descreve cenas ocorridas no litoral de São Paulo, tendo recebido de S. Ex.^a uma carta magnífica. Fiz também um comentário sobre o seu livro "Vida de Jesus", que foi transcrito em seis jornais e revistas, inclusive no jornal "A Boa Nova", do Rio de Janeiro. Quando se presta homenagem a um homem como Plínio Salgado, melhor seria fazê-lo de joelhos, porque, como escritor, S. Ex.^a destacou o nome do Brasil fora das fronteiras de nossa Pátria.

O SR. OSWALDO ZANELLO — Muito obrigado a V. Ex.^a, nobre colega Antônio Bresolin. Sr. Presidente, Srs. Deputados, nascido em território paulista, na cidade de São Bento do Sapucaí, em 22 de janeiro de 1895, era filho do coronel-farmacêutico Francisco das Chagas Esteves Salgado e da professora Anna Francisco Rennó Cortez, sendo seus avós paternos portugueses e os maternos espanhóis. Da mãe, recebeu as primeiras lições de História do Brasil, Geografia, Aritmética e Francês. Do pai recebeu lições de patriotismo. Era hábito da família reunir-se para ouvir relatos, feitos pelo pai, da vida dos grandes vultos do passado brasileiro, em especial dos estadistas do Império.

A morte do pai, quando Plínio possuía 16 anos de idade, obrigou-o a interromper os estudos de Humanidades que fazia na cidade mineira de Pouso Alegre. Nunca mais retornou aos bancos escolares. Toda a sua imensa cultura foi fruto de um autodidatismo digno das figuras geniais.

Plínio Salgado foi casado, em primeiras núpcias, com D.^a Maria Amélia Pereira, tendo uma filha, que levou o nome da mãe. Posteriormente, casou-se com D.^a Carmella Patti Salgado.

Muito jovem ainda, iniciou-se no jornalismo e na política. Reagindo contra a oligarquia dominante na política paulista, arregimentando partidários e funda o Partido Municipalista, com maciço apoio e forte penetração no Vale do Paraíba. Jornalista vibrante, doutrinador emérito, é logo atraído para a Capital do Estado, onde ocupa lugares de destaque no *Correio Paulistano* e na *Folha da Manhã*. Em 1928 é eleito Deputado Estadual. Dois anos após realiza viagem à Europa e ao Oriente. Quando regressa ao Brasil, encontra a Revolução nas ruas, fato que o obriga a adiar o lançamento de um Manifesto apresentando nova linha de ação política. Em 7 de outubro de 1932 lança as bases da Ação Integralista Brasileira, cuja linha de ação já foi delineada, no início desta oração.

O Sr. Lauro Leitão — Permita-me, nobre Deputado, não será necessário que a Liderança da ARENA, por meu intermédio, manifeste a sua solidariedade ao oportuno discurso que V. Ex.^a está proferindo, em homenagem à memória do grande brasileiro Plínio Salgado. E não será necessário, porque V. Ex.^a está falando em nome da ARENA. Daí querer eu, em caráter pessoal, realçar também

a figura singular desse grande brasileiro, admirado pela sua sólida cultura, reconhecido como historiador, como sociólogo emérito e político eminente. No exercício de todas essas atividades, prestou ele inegáveis serviços à nossa Pátria, projetando-a pelo mundo inteiro. Deixo consignada minha homenagem particular à memória de Plínio Salgado e minha solidariedade a V. Ex.^a pelo brilhante discurso.

O SR. OSWALDO ZANELLO — Agradeço, sensibilizado, o aparte ao nobre Deputado Lauro Leitão. Apenas desejo fazer uma pequena retificação: não falo neste instante em nome da ARENA, em nome do partido falará o nobre Deputado A. H. Cunha Bueno. E aproveito também a oportunidade para agradecer ao Movimento Democrático Brasileiro, na pessoa do seu Líder, Deputado Laerte Vieira, que me cedeu o tempo a fim de que, velho amigo e companheiro de Plínio Salgado, pudesse eu usar a tribuna esta tarde.

O Sr. Daso Coimbra — Permite V. Ex.^a um aparte?

O SR. OSWALDO ZANELLO — Com prazer, nobre Deputado.

O Sr. Daso Coimbra — Nobre Deputado Oswaldo Zanello, não sabemos o que mais apreciar na figura do extinto: se a sua brilhante inteligência, se a sua grande cultura, se a facilidade com que se expressava, se o seu espírito patriótico. A verdade é que Plínio Salgado se ornava de incontáveis qualidades, possuidor de um grande caráter. Tive o ensejo de assistir à sua última intervenção nesta Casa, na Comissão de Educação e Cultura, quando proferiu brilhante parecer e uma grande aula. Ainda nos lembramos daquelas palavras e do seu convívio. Fazemos votos para que V. Ex.^a, que era seu discípulo amado, saiba sempre honrar a figura do grande Plínio Salgado.

O SR. OSWALDO ZANELLO — Muito obrigado, Deputado Daso Coimbra. Recordo-me de que, naquela oportunidade, admirador e amigo de Plínio Salgado, de tal sorte V. Ex.^a se impressionou com o pronunciamento de S. Ex.^a na Comissão de Educação e Cultura, que ocupou a tribuna, no Pequeno Expediente, para exaltar o trabalho daquele colega desaparecido.

O Sr. Gastão Müller — Permite V. Ex.^a um aparte?

O SR. OSWALDO ZANELLO — Com prazer, nobre Deputado.

O Sr. Gastão Müller — Nobre Deputado Oswaldo Zanello, falo em meu nome e em nome da bancada de Mato Grosso. Tive a honra de conviver, nos últimos quatro anos, com o eminente e saudoso Deputado Plínio Salgado, não só no Plenário da Câmara, como na Comissão de Educação e Cultura. Conversava muito com ele, considerava-o mesmo um dos gênios da política e da literatura nacionais. Seu livro "Vida de Jesus" é também obra-prima não só da literatura brasileira, mas da língua portuguesa. Apresentou-me Plínio Salgado com um exemplar desse livro, em edição especial e com dedicatória também especial. Esse ilustre brasileiro, a quem eu muito apreciava, possuía dezenas de amigos no nosso Mato Grosso. Assim, em nome dessa gente que o admirava, em nome de toda a bancada, juntamente com V. Ex.^a, venho render homenagens àquele grande vulto nacional, não só da política, mas da literatura, quer como escritor, quer como contista, poeta, artista, enfim, todos aqueles dons com que foi

aquinhoado pela natureza, numa obra aprimorada do Supremo Criador do Universo.

O SR. OSWALDO ZANELLO — Nobre Deputado Gastão Müller, sensibiliza-me a homenagem que Mato Grosso, através de sua bancada, presta a Plínio Salgado.

Prossigo, Sr. Presidente:

Podemos — nunca é demais — relembrar as próprias palavras de Plínio Salgado, que podem ser consideradas a síntese das forças que o levaram a idealizar uma nova frente de atuação política:

“Cento e poucos anos após as declarações da Revolução Francesa, uma nova proclamação precisa erguer-se na face da Terra. Que ela parta do Brasil, como um protesto que ecoará, principalmente, entre os povos meridionais, sem hulha, sem petróleo, sem ferro, sem possibilidades para exercer um imperialismo econômico, mas com possibilidade de exercer uma poderosa influência moral.”

A Ação Integralista Brasileira tinha, por princípio básico, a unidade da Nação, a implantação do princípio da autoridade e o ideal da justiça humana.

Quem acompanhou a vida política do País, qualquer que seja sua ideologia, não pode deixar de reconhecer que o movimento idealizado por Plínio Salgado apresentou acertos e erros. O que, aliás, é próprio das ações humanas mais importantes. Até os mais radicais adversários de Plínio Salgado e de seus seguidores não podem negar os inestimáveis benefícios que advieram ao Brasil com a pregação cívica então desencadeada. Núcleos integralistas espalharam-se por todos os rincões da Pátria, estudando os problemas nacionais e apresentando soluções para os mesmos. Junto a esses núcleos funcionavam postos de alfabetização para adultos e ambulatórios médicos. Ensinava-se a língua nacional no Sul do País, ajudando a extirpação dos quistos raciais.

Apenas para registro desejo transcrever trecho de artigo de Austregésilo de Athayde, publicado após a morte de Plínio Salgado. Após declarar que sempre mantivera posição antagônica e irretratável, acentua:

“Sei que seu nome ficará na história política de uma fase, ainda sob certos aspectos, bastante obscura de nosso tempo. Não foi dito ainda inteiramente o que convém sobre o integralismo e as suas responsabilidades. Uma coisa diga-se e é incontestável: Plínio era um idealista desinteressado, um homem que não se movia por motivos subalternos. É possível distinguir os erros de suas concepções políticas dos sentimentos de civismo e amor ao Brasil, que não lhe faltaram e eu aqui invoco para prestígio de sua memória.”

Os acontecimentos políticos do Estado Novo são do conhecimento de todos. Despiciendo seria recordá-los. Gostaria apenas de rememorar que, hoje, tem-se como certo que a Intentona de 1938 não foi um movimento exclusivista do Integralismo, embora a ele tivessem aderido muitos de seus seguidores.

A opressão policial e a atuação do famigerado DIP fizeram com que muitos só contassem a plena verdade dos fatos longos anos após. Mas os integralistas foram o bode expiatório. Sofreram, foram humilhados, esmagados. Eu mesmo conheci, em muitas oportunidades, a solidão do cárcere, as torturas, os espancamentos e a justiça cruel do Tribunal de Segurança Nacional. Mas, assim como eu, nenhum integralista renegou sua crença, nenhum delatou companheiros, nenhum inventou desculpas. Assumimos, com hombridade, responsabilidade que não nos era totalmente devida. O Integralismo foi um movimento patriótico, inspirado em nossas origens, que valorizou os aspectos de nossa cultura. Foi radicalmente contra a exploração de nossas riquezas pelos estrangeiros.

Não desejo neste momento — nem seria esta a oportunidade adequada para fazê-lo — discorrer sobre a doutrina integralista. Todavia, não me posso furtar a transcrever um curto trecho de pronunciamento de Plínio Salgado, em que o insuperável doutrinador político refuta a mais solerte das acusações que, até hoje, são dirigidas ao seu movimento político:

“Nós, integralistas, adotamos um conceito de Estado que se contrapõe à teoria da escola histórica alemã e aceita pelo nazismo, a qual superpõe o Estado à Nação, e é parte do socialismo marxista.

Para nós é a Nação que cria o Estado, para ser seu instrumento na manutenção da ordem interna e das relações exteriores.

Um outro aspecto da filosofia integralista é o da concepção integral do homem. Não há solução isolada para nenhum problema, pois todos e cada um se interligam.”

O Sr. Eduardo Galil — Prezado amigo Deputado Oswaldo Zanello, é com grande satisfação que trago a minha solidariedade e, acredito, de toda a bancada da Aliança Renovadora Nacional do Estado do Rio de Janeiro, às palavras de homenagem que V. Ex.^a está a proferir nesta tarde, à memória de Plínio Salgado, sem dúvida um dos maiores intelectuais desta Pátria. Deixou uma obra que deve ser respeitada, lida e estudada. Deixou na sua ação a marca corajosa de uma personalidade firme, altruísta, idealista. Não tive, como V. Ex.^a, participação no Movimento Integralista, nem sofri os seus reflexos. Fui formado em outra época. Comecei a votar, neste País, depois de 1964, já em uma situação restaurada, com o País emergindo do caos, do subdesenvolvimento e da desordem. Mas V. Ex.^a viveu o momento imperioso em que no País se deveria ser comunista ou integralista. Neste particular, nada mais válido, nada mais autêntico. Era um ato de coragem fazer opção pela doutrina que Plínio Salgado pregava, e, mesmo do exterior, ensinava através de lições de grande alcance, pelas obras que publicava. Plínio Salgado foi um grande brasileiro. Aceito em parte sua doutrina e a repudio talvez em outros detalhes, pequenos detalhes, porque naturalmente decorrem da própria natureza humana. Mas foi também um parlamentar que engrandeceu esta Casa e, se sopesarmos as suas ações positivas e negativas na história deste País, haverá um julgamento favorável a este eminente brasileiro, este extraordinário patriota, do qual os seus seguidores, os seus companheiros tanto se honram. Também, nós, a mocidade brasileira, se honra do intelectual,

do político e do filósofo Plínio Salgado. São muito próprias as palavras de V. Ex.^a para homenageá-lo e eu sinto não ter palavras que possam, pelo menos, se colocar no mesmo plano de V. Ex.^a, para me associar de maneira intelectual a V. Ex.^a Mas me associo de maneira afetiva, de respeito e de admiração à personalidade de Plínio Salgado. Essas as palavras que queria inserir, modestíssimas, no grandioso discurso que faz V. Ex.^a, com a autenticidade de integralista que foi, e principalmente de amigo pessoal de Plínio Salgado.

O SR. OSWALDO ZANELLO — Muito obrigado a V. Ex.^a, nobre Deputado Eduardo Galil, pelas suas palavras que, sem dúvida alguma, trazem-me muita alegria, porque Plínio Salgado dedicou grande parte de sua vida a um trabalho de doutrinação entre a juventude brasileira. E tais palavras, pronunciadas da tribuna desta Casa por um jovem parlamentar, brilhante como V. Ex.^a, nos enchem de satisfação e de orgulho a nós, velhos companheiros de Plínio Salgado.

Continuando, Sr. Presidente, exilado em Portugal, Plínio Salgado dedica todo o seu tempo à pesquisa de documentos históricos sobre o nosso País, ao mesmo tempo em que escreve a monumental "Vida de Jesus". O acendrado amor a Cristo e ao Brasil foi o seu sustentáculo durante sua ausência forçada da Pátria.

Regressando ao País, em 1945, funda o Partido de Representação Popular, pelo qual, tempos depois, candidata-se à Presidência da República, recebendo expressiva votação.

Sempre atento ao desenvolvimento da política brasileira, entende ser necessária sua presença na Câmara dos Deputados. Candidata-se pelo Estado do Paraná e é eleito para o primeiro de vários mandatos. Posteriormente, relege-se pela representação paulista.

Em 1974, sentindo desfalecerem as forças físicas e consciente dos verdadeiros rumos que a Revolução de Março impôs ao País, renuncia à disputa de nova reeleição. Em seu discurso de despedida, recebido em ambiente do mais profundo respeito por parte deste Plenário, declarou:

"Se fosse preciso recomeçar mil vezes a obra da salvação nacional, eu a recomeçaria."

Retirado das lides parlamentares, Plínio Salgado permanece em Brasília, recolhido à sua residência, revendo documentos históricos e preparando o lançamento de novas obras literárias.

A doença, todavia, impossibilitava-o de realizar a produção que pretendia e da qual nos falava com entusiasmo juvenil. Agravando-se seu estado de saúde, vai para a cidade de São Paulo, ali se internando por longo período. Finalmente, às duas horas da madrugada do dia 8 de dezembro findo, Plínio Salgado entregou sua alma a Deus. Ele, que tanto amou Nossa Senhora, iria por ela ser recebido no céu no dia de sua mais gloriosa festa: a da Imaculada Conceição.

Sr. Presidente, ainda agora emociona-me relembra a partida, desta terra de mortais, de Plínio Salgado.

Neste discurso é impossível abranger toda uma intensa atividade por ele desenvolvida em 80 anos de uma fecunda exis-

tência. Recordei alguns de seus traços biográficos. Nele não se sabe o que mais admirar: o católico, o humanista, o político, o filósofo, o pensador, o escritor.

A intensa participação literária de Plínio Salgado, iniciada em 1919 com o volume de poesias "Monte Tabor", abrange os mais diversos gêneros literários: romance, ensaio, filosofia, sociologia, religião, política, didática, ficção, literatura infantil, viagens, biografias. Dentre outros livros, podemos destacar: "O Estrangeiro."

"O Esperado," "Psicologia da Revolução", "O que é o Integralismo," "Direitos e Deveres do Homem," "Palavras Novas dos Tempos Novos", "O Conceito Cristão de Democracia", "O Espírito da Burguesia", "A Mulher no Século XX."

Plínio Salgado pertenceu ao Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, ocupando, ainda, a cadeira de n.º 6 da Academia Paulista de Letras. Integrou o chamado Grupo Verde-Amarelo, colaborando na divulgação do Movimento Modernista de 1922. Junto com Cassiano Ricardo e Menotti del Picchia, escreveu "O Curupira e o Carão", programa doutrinário e estético do verde-amarelismo.

Desejo, ao finalizar este meu pronunciamento, lembrar aspectos da vida parlamentar de Plínio Salgado.

O velho plenário do Palácio Tiradentes conheceu momentos de rara sensação com o primeiro pronunciamento do experimentado líder político, em 1959. Cercado de expectativa incomum, Plínio Salgado assomou à tribuna e discorreu sobre sua pregação cívica. De um início tumultuado, perturbado por parlamentares de rasteira expressão, a sua oração foi crescendo, rica de conteúdo, dominando o recinto e ganhando a admiração de todos e, principalmente, o respeito de adversários. Ainda me recordo de comentários partidos de velhos líderes, mostrando-se alegres com a presença de Plínio Salgado no Parlamento e lamentando que somente então houvesse ele aceito uma cadeira.

Com o correr dos dias, todos puderam sentir que o grande líder nacional nada tinha de arrogante ou presunçoso: sua fala era ponderada, suas idéias objetivas, sua experiência sempre aberta a quem o procurasse. Muitas e muitas decisões ímpares deste Parlamento foram encontradas graças à lucidez de Plínio Salgado.

Sempre que ocupava a tribuna, ele o fazia de modo insuperável. Ocasões especiais requereram sua indicação para orador oficial. Assim aconteceu quando das homenagens ao Príncipe Herdeiro do Japão, em que sua peça oratória, fugindo às abordagens tradicionais, revestiu-se de brilho inusitado.

O ponto mais alto de Plínio Salgado como tribuno parlamentar ocorreu em 10 de junho de 1965, quando o Congresso Nacional comemorava o I Centenário da Batalha do Riachuelo e homenageava a Marinha de Guerra do Brasil. O próprio momento histórico reclamava uma oração que, sem descer aos ufanismos medíocres ou às bajulações mesquinhas, concitasse todos para a união em torno dos altos interesses da Pátria e, ao mesmo tempo, não contivesse alusões capazes de melindrar nossas crescentes afinidades com o Governo paraguaio.

O plenário apinhado, as galerias superlotadas, inúmeros convidados ilustres, presente quase todo o Almirantado. Plínio Salgado discursa de improviso, como era de seu hábito. A oração flui cadenciada, precisa, com idéias coordenadas em períodos perfeitos, frases esmeradas, contendo singulares associações de adjetivos raros com substantivos incisivos. O orador domina a platéia. Sente-se no ar estranha vibração. Os assistentes acompanham, fascinados, a facilidade com que o parlamentar expõe os fatos, cita nomes, recorda datas.

Em determinado trecho, ao descrever o auge da batalha, o Plenário não se contém e aplaude, demoradamente, o orador. Foi quando Plínio Salgado relembrou a simbologia dos rios brasileiros, neste trecho:

“Grandes dificuldades encontram nossos navios, a ponto de o “Jequitinhonha” ter encalhado. Os outros entram em luta: é o “Mearim”, o “Iguatemi”, o “Ivaí”, o “Ipiranga”, o “Belmonte”, o “Araguari”, o “Parnaíba”, o “Beberibe”, nomes de rios brasileiros.

Que misteriosa simbologia aquela! Os rios que correm por nossa Pátria são os portadores das mensagens das longas distâncias de que vieram. Nada melhor para significar a unidade nacional do que o curso dos rios. Eles trazem recados de remotos sertões. Eles vêm despertar lembranças de todo o território da Pátria. Enquanto as montanhas são paradas, estáticas, os rios são dinâmicos e levam nas suas águas recados e mensagens.

E ali nossos navios têm nomes dos rios brasileiros. E, a comandá-los, o maior dos rios, o Amazonas, nome da fragata capitânea. Foi realmente o Brasil, a alma da Pátria que se levantou naquele instante para cumprir uma missão histórica.”

O orador agiganta-se. Todo o seu amor pelo Brasil transborda, desaguando em um Plenário estuante de emoções. Perorando, Plínio Salgado exclamou:

“Ó marinheiros do Brasil! Soldados do mar! Quando estive, por motivos políticos, preso na Fortaleza de Santa Cruz, eu escutava o vosso, o nosso mar bater nas pedras e entrar pelas casamatas com ribombos oceânicos.

O Conde de Lippe, no fim do século XVII, introduziu, com a reforma do exército português, um costume altamente significativo. Ali, naquela fortaleza, de hora em hora, um sentinela gritava: “Sentinela, alerta!”. E outro, nas sombras da noite, com a cabeça coroadada pelas estrelas, respondia: “Alerta estou!”.

Sejam estas palavras a minha suprema homenagem, no centenário da Batalha do Riachuelo, às Três Forças Armadas do Brasil, e, no particular, à nossa Marinha de Guerra, para que, gritando “Sentinela, alerta!”, cada brasileiro, em cada rincão de nossa Pátria, se sinta, pela defesa da liberdade, da democracia, da soberania, da honra e da dignidade do Brasil, com a responsabilidade de responder: “Alerta estou!”

Quem esteve presente se recorda: as palmas estrugiram de todos os recantos. Olhos se encheram de lágrimas. Cresceram os louvores. O Plenário, as autoridades civis e militares presentes, e as galerias aplaudiram de pé, como nunca, com raro entusiasmo, o orador. Filas imensas formaram-se para os cumprimentos a Plínio Salgado, que os recebeu humildemente, como era de sua índole.

Plínio Salgado marcou época nos Anais parlamentares. Sua presença, entre nós, será sempre reverenciada com saudade, carinho e admiração.

Sua atuação na vida política nacional foi incalculável. Plínio Salgado morreu cercado do respeito de todos. Desempenhou, com todo o ardor de sua alma pura, o papel que lhe foi destinado por Deus. E, ao descansar de suas lutas, de suas canseiras e de seus sofrimentos com a incompreensão de tantos, partiu tranqüilo, pois hoje, mais do que nunca, e em especial no Brasil, configura-se que “Deus dirige o destino dos povos!” (O orador é abraçado.)

O SR. PRESIDENTE (Célio Borja) — Concedo a palavra ao Sr. A. H. Cunha Bueno, como autor do requerimento e pela Aliança Renovadora Nacional.

O SR. A. H. CUNHA BUENO (ARENA — SP. — Pronuncia o seguinte discurso.) — Sr. Presidente, Srs. Deputados, nesta tribuna proferiu Plínio Salgado, na legislatura anterior, uma das suas mais notáveis orações — de entre tantas que esta Casa lhe escutou. Comemorava-se a Independência do Brasil, e ele, incumbido pela Liderança do Governo, dissertou, com a singular autoridade que ninguém lhe pode negar, sobre os conceitos de país, de pátria e de nação.

As palavras então pronunciadas pelo insigne parlamentar, cuja memória nos honramos de homenagear, ganham hoje nova e impressionante atualidade.

“Um país” — ensinou então Plínio Salgado — “é apenas o território, a natureza, as riquezas geológicas, sua fauna, sua flora: não é ainda uma pátria. A pátria é o resultado do comércio sentimental entre o homem e a terra”. E explicou por quê: “O homem, fixando-se naquele país, estabelece íntimas ligações de sentimentos entre o que ocorre na sua vida e a paisagem ambiente. De sorte que nos dias e horas felizes, como nos tristes e amargurados, ligam-se por uma espécie de simbiose entre o mundo interior do homem e a natureza envolvente. É assim que começamos a amar o país e a considerá-lo a base física de nossa pátria.” Esclareceu Plínio Salgado que “O Brasil só se fez uma pátria na Guerra Holandesa, no século XVII, quando, para expulsar o invasor, reuniram-se os filhos de todas as colônias, foram ao Nordeste e ali encarniçadamente lutaram, porque já estimavam a terra e já a tinham como sua pátria...” “Mas o Brasil ainda não era uma nação. Nação é consciência da diferenciação de um povo dos demais povos do mundo. Esta consciência é que dá o caráter da personalidade nacional.”

Ora, como também ensinou Plínio Salgado, a personalidade de uma nação está baseada na sua memória: “A memória das

nações é a sua História... Uma nação, quando perde a personalidade, isto é, se esquece das suas tradições, das suas origens, menospreza o seu passado, essa nação perde o direito de ser independente. Aqueles povos — prossegue Plínio Salgado —, que foram conquistados pelos regimes totalitários absorventes e esmagadores, antes de perderem a independência já tinham perdido a personalidade. E não souberam reagir. Uma nação, para reagir unânime na sustentação dos seus direitos, precisa ter personalidade, isto é, ter memória, isto é, ter História."

Sr. Presidente, Srs. Deputados, iníciel propositadamente esta evocação do grande parlamentar que foi Plínio Salgado, com palavras suas.

E, de entre tantas que pronunciou nesta Câmara, de entre as que escreveu em livros e na imprensa até a hora da morte, de entre as que tornavam suas conferências peças oratórias de antologia, eu escolhi as que acabam de ser ouvidas de novo aqui, porque o eco que então produziram não se extinguiu e porque o momento que vivemos nos revela, Srs. Deputados, sua espantosa e impressionante atualidade.

Da personalidade pluriforme daquele paulista de São Bento do Sapucaí, estas palavras — despretensiosas na forma, mas ricas no conteúdo ideológico — revelam o homem simples, o educador, o sociólogo, o pensador, o político consciente, e revelam sobretudo o que Plínio Salgado sempre foi, na simbiose viril de todos os seus demais predicados: O Patriota!

Acima de tudo o mais, derrubando todas as críticas, Plínio Salgado será na eternidade o exemplo do Brasileiro Integral que amou a Pátria para além de qualquer partidarismo, porque verdadeiramente viveu, trabalhou e sofreu sem descanso pelo Brasil, consciente da grande missão que à Pátria compete no presente e no futuro. Ele foi uma sentinela permanente e vigilante, sentinela intransigente na defesa dos autênticos valores da Pátria, sentinela sempre alerta — como se confessou nesse admirável "Poema da Fortaleza de Santa Cruz", escrito enquanto aí preso, e que, em vez de odiar como cárcere, enalteceu e perpetuou como bastião inexpugnável dos direitos históricos, dos direitos eternos da Nação Brasileira.

O Sr. Santos Filho — Nobre Deputado Cunha Bueno, não comungamos das idéias esposadas e defendidas pelo homenageado, o ex-Deputado Plínio Salgado, não perfilamos ao seu lado, na sua caminhada política, mas aprendemos, em nossa vida, a respeitar todos os homens que têm ideais. Plínio Salgado os teve; aprendemos a respeitar todos aqueles que têm ideais. Plínio Salgado as teve, defendeu-as e por elas lutou. Por isso, apesar, como já dissemos, de não perfilarmos ao seu lado, nós também nos encontramos entre aqueles que admiraram a sua inteligência, como homem de cultura, como intelectual e, também, ficaremos ao lado daqueles que o respeitaram como político, como homem que deu a sua vida pela vida pública nacional. Representante do Paraná, também queremos prestar nossa homenagem ao político que batalhou pelo nosso Estado, pois Plínio Salgado foi Deputado pelo Paraná, tendo recebido de homens que viveram e que vivem naquela Unidade da Federação consagradora votação. Aqui, nesta Casa, Plínio Salgado, além de defender suas idéias, das quais não

participamos, representou muito bem, com altivez, o meu Estado. É por isso que como representante paranaense, como político, principalmente, deixo aqui a minha solidariedade, nesta homenagem que V. Ex.^a presta ao grande brasileiro que foi Plínio Salgado.

O SR. A. H. CUNHA BUENO — Agradeço ao nobre Deputado Santos Filho o aparte. Recordo-me de que Plínio Salgado, quando disputou a Presidência da República, foi o candidato mais votado no Estado que V. Ex.^a representa, hoje, neste Parlamento.

Ouço o nobre Deputado Célio Marques Fernandes.

O Sr. Célio Marques Fernandes — Estou acompanhando o pronunciamento de V. Ex.^a em homenagem ao nosso ex-colega Deputado Plínio Salgado. Embora totalmente contrário a todo e qualquer regime totalitário, de esquerda ou de direita; embora não concordando totalmente com a homenagem que se presta a ele — mas é esta uma Casa democrática e a maioria assim o deseja — já que quis ele acabar com a democracia brasileira, impondo um governo totalitário ao Brasil, indo com armas e metralhadoras cercar o Palácio do Governo para depor o Presidente, devo reconhecer o valor intelectual, a cultura desse homem, o colega que aqui passei a conhecer. Quero também prestar um depoimento para a História. Há muitos anos, quando autoridade policial no Rio Grande do Sul, fui designado para a segurança do Sr. Plínio Salgado, que pregava livremente a modificação do governo com o integralismo. Na cidade de Camaquã, onde, até hoje, o gaúcho usa bombachas e revólver na cintura, ele foi fazer um comício. Ao iniciar suas palavras, choveram balas por todos os lados. Foi um tiroteio terrível. Se eu não me tivesse jogado contra seu corpo e o derrubado no chão, ele não teria vivido mais. É preciso reconhecer a bravura daquele homem. Assim, quero homenagear o colega, não o homem que quis acabar com a democracia brasileira, não o chefe do integralismo. Desejo também felicitar V. Ex.^a, que tão brilhantemente presta, em nome do meu Partido, esta homenagem a Plínio Salgado.

O Sr. Oswaldo Zanello — Permite-me V. Ex.^a um aparte, nobre Deputado?

O SR. A. H. CUNHA BUENO — Com todo prazer.

O Sr. Oswaldo Zanello — Gostaria apenas de dizer a V. Ex.^a que, dias antes de sua morte, Plínio Salgado escreveu um artigo — foi o último de seus artigos — que só foi publicado depois de sua morte, endereçado a homens muito bem intencionados, mas muito mal esclarecidos, como o nobre colega Célio Marques Fernandes. Eu pediria a S. Ex.^a, o Deputado Célio Marques Fernandes, que procurasse ler aquele artigo dedicado aos homens bem intencionados, mas mal esclarecidos, como S. Ex.^a

O SR. A. H. CUNHA BUENO — Nobre Deputado Oswaldo Zanello, agradeço o aparte de V. Ex.^a Devo acrescentar que lerei, a seguir, no meu discurso, o artigo escrito por Plínio Salgado e publicado nos jornais de São Paulo, após a sua morte, o qual poderá esclarecer o nobre Deputado Célio Marques Fernandes.

No político sempre se reflete o homem, sua identidade psicológica, sua formação mental, sua atitude esclarecida e desassombrada. Ai de algum de entre nós em quem a consciência e o raciocínio não comandem as palavras e não inspirem as obras. Não é senhor de si próprio e do seu destino, e é incapaz de enfrentar

e de dominar a atividade dos que lhe querem tolher o passo, destruir as iniciativas, minar as ações.

Plínio Salgado, ao longo de sua extensa vida, foi dos políticos brasileiros contra quem mais se encarniçaram os ataques da anti-nação. Sua ténpera, porém, não sabia vergar a ódios e paixões; nem a prisão, nem o exílio criaram rancor na envergadura que se escondia naquele corpo franzino, tanto assim que são desse período algumas das suas peças literárias de mais funda espiritualidade, como a "Vida de Jesus", cujo valor universal se não discute, mesmo em presença da obra de Giovanni Papini.

Pensador sagaz e clarividente, coube-lhe o mérito indiscutível de haver mobilizado grande parte da juventude brasileira, preparando-a ética e filosoficamente a desempenhar uma ação destacada na vida pública da Nação. E fê-lo em "Palavra Nova dos Tempos Novos", afirmando sem reticências: "Eu falo aos gastos, aos que já não governam os próprios movimentos, aos que acompanham a onda e já se conformaram com todas as monotônias. Falo aos que são moços e aos que rejuvenesceram pela libertação da inteligência e pelo milagre da palavra nova. Mocidade é, antes de tudo, libertação de si mesmo. Mocidade é fixação de personalidade, atração da perpétua transformação em que palpita a imutável essência. Mocidade é luta contra o minuto que acaba de passar. Mocidade é convivência com o dia de amanhã." — "Na verdade existem muitos velhos que são moços e muitos moços que são velhos."

Ouço V. Ex.^a

O Sr. Joaquim Bevilacqua — Nobre Deputado, inicialmente congratulo-me com V. Ex.^a pela oportunidade e pela felicidade da lembrança em homenagear a figura do grande literato e do grande homem público que foi Plínio Salgado. V. Ex.^a acaba de mencionar a preocupação do homenageado para com a renovação. Há poucos instantes, o nobre Deputado Oswaldo Zanello mencionou a preocupação efetiva de Plínio Salgado no Movimento Modernista Renovador de 1922, ao lado de Cassiano Ricardo e Menotti del Picchia, no Grupo Verde-Amarelo. Se V. Ex.^a permite este comentário marginal, eu gostaria de traçar um pequeno paralelo, tomando por base essa participação de Menotti del Picchia e de Cassiano Ricardo no aludido Movimento, bem como a evolução da vida desses dois grandes brasileiros, cujas existências findaram quase que ao mesmo tempo. Plínio Salgado, nascido em São Bento do Sapucaí e Cassiano Ricardo, meu conterrâneo, de São José dos Campos, tiveram como o ~~leitmotiv~~ das suas vidas a preocupação para com o nacionalismo e o encontro de soluções para os problemas nacionais. Sob este aspecto, Plínio Salgado procurou renovar, embora percorrendo caminhos com os quais nem sempre podemos concordar. Seus ideais nem sempre se unificavam, mas, sem dúvida alguma, trouxeram um colorido e um alento ao pensamento nacional. Cassiano Ricardo, que faleceu um pouco antes do seu colega de 22, passou do nacionalismo à condição de poeta da cosmovisão, ou seja, ao poeta da visão integral do mundo. Plínio Salgado — tenho certeza — também visou, antes e acima de tudo, na sua vida literária, na sua vida parlamentar, na sua vida política, a encontrar as soluções nacionais para os problemas brasileiros. Assim sendo, parablenizo-me com V. Ex.^a e registro aqui, também, a minha solidariedade a esta homenagem ao grande brasileiro e patriota que foi Plínio Salgado.

O SR. A. H. CUNHA BUENO — Agradeço a V. Ex.^a pelo aparte, Deputado Joaquim Bevilacqua. V. Ex.^a fala bem de perto ao coração de todos nós, por ser representante, nesta Câmara, de uma das cidades vizinhas ao local onde nasceu o grande patriota Plínio Salgado.

Ouçõ o aparte do nobre Deputado Alexandre Machado.

O Sr. Alexandre Machado — Nobre Deputado Cunha Bueno, associo-me às homenagens prestadas, hoje, a Plínio Salgado. Não devemos julgar Plínio Salgado, mas reconhecer a liderança, o talento e a inteligência daquele que, efetivamente, representa um dos orgulhos de todo o País. Ainda ontem, quando se noticiava para hoje esta homenagem, eu, que conheço toda sua obra, relia dois livros de Plínio Salgado: "A Voz do Oeste" e "A Vida de Jesus Cristo". Para mim, "A Vida de Jesus Cristo" foi a obra mais bonita que tive oportunidade de ler em toda minha vida. Emocionado, relembro minhas conversas com Plínio. Efetivamente, reconheço, hoje, que os grandes homens, vistos através do tempo, conseguem embevercer a ternura da nossa admiração. De perto, Plínio fascinava; de longe, deslumbrava. Hoje, ele se sobre-humaniza nos olhos, corporifica-se na nossa alma, transmuda-se, fulgurando carícias, como um retábulo distante que se ficasse religioso e perpétuo, cercado da nossa consagração. A nossa homenagem a Plínio Salgado é a mesma do povo brasileiro àquele que foi um dos maiores escritores de todos os tempos e, efetivamente, um dos grandes líderes políticos deste País.

O SR. A. H. CUNHA BUENO — Agradeço a V. Ex.^a, nobre Deputado Alexandre Machado, a palavra abalizada do Estado do Rio Grande do Sul, que apresenta o seu tributo ao modesto pronunciamento que faço nesta Casa.

Continuo:

Presente em todas as verdadeiras atividades do espírito, seu nome está intimamente ligado à Semana de Arte Moderna; o romance social brasileiro começa verdadeiramente com o "O Estrangeiro", desenvolvendo-se depois com o "O Esperado", e se caracteriza por seus acentos proféticos com "O Cavaleiro de Itararé", que marca o tema revolucionário do espírito brasileiro inconformado com a rotina política, enquanto a "Voz do Oeste" é a marcha das bandeiras, reproduzindo em nossos dias a epopéia dos séculos passados.

Mas, se na ficção e na poesia temos em Plínio Salgado um valor nacional, a sua presença atuante na filosofia e na sociologia revela-nos o pensador independente e esclarecido que nos dá, em "A Psicologia da Revolução", a nota espiritualista que o define e caracteriza em clara antinomia com a concepção materialista da História. Ai, decididamente, Plínio Salgado é um valor destacado da civilização cristã.

O homem interfere e dirige os acontecimentos nas demais obras onde analisa o drama da humanidade atual, as perspectivas do delinear de um novo mundo, a decadência da burguesia, a salvação da mulher e a entranhada luta contra o comunismo.

Em todas as obras de Plínio Salgado está definida, sem equívocos, a linha de rumo que imperturbavelmente norteou o seu pen-

samento. Não tem um deslize, não resvala numa concessão seja qual for a gravidade dos temas, gravidade que não o atemoriza como claramente patenteia no livro "Espírito da Burguesia", quando afirma que "o espírito da burguesia vive em todas as classes. Está na classe média, tão forte, como nos círculos sociais dos ricos; está na própria alma do proletariado, quando se deixa penetrar pelos argumentos materialistas, que embasam a vida humana em nossos dias".

Concedo o aparte a V. Ex.^a

O Sr. Lomanto Júnior — Nobre Deputado, desejo associar-me à significativa homenagem que o Parlamento presta à memória do grande brasileiro Plínio Salgado, um dos grandes vultos da nossa História, homem que honrou este Parlamento, idealista e grande patriota. Não posso esquecer-me do gesto que aquele saudoso brasileiro teve para comigo, quando despontava o meu nome como candidato ao Governo da Bahia. Seu partido foi dos primeiros, senão o primeiro, a acolher e a apoiar minha candidatura — e, sei, com o beneplácito, com a recomendação do eminente Presidente nacional, Sr. Plínio Salgado. Tive a ventura de privar da sua amizade, e os quatro anos de convivência nesta Casa acentuaram minha admiração pela inteligência privilegiada e pelo idealismo com que marcou sua passagem na vida pública brasileira. Associo-me, pois, às homenagens de saudade hoje prestadas ao grande patriota Plínio Salgado.

O SR. A. H. CUNHA BUENO — Agradeço o aparte ao nobre Deputado Lomanto Junior, que traz, como homem do interior da Bahia, e com o predicado de já ter governado aquele grande Estado, seu testemunho à memória de Plínio Salgado.

Tem o aparte o nobre Deputado Ivahir Garcia.

O Sr. Ivahir Garcia — Nobre Deputado, como político do Vale do Paraíba e do glorioso Estado de São Paulo, berço do imortal parlamentar, poeta, escritor, jornalista, idealista e uma das mais extraordinárias figuras humanas que tive a oportunidade de conhecer, Plínio Salgado, pedi este aparte para trazer a homenagem de todos os vale-paraibanos àquele que foi um símbolo de homem, de chefe de família, de político, de parlamentar, de homem que fazendo do ideal uma causa, a abraçou, na defesa rígida de princípios, dando o melhor de si mesmo, superando a si próprio, transformando-se no maior dos autodatas brasileiros e ilustrando com o fulgor de sua invejável inteligência a cultura brasileira. Parabéns a V. Ex.^a pela iniciativa, e que homenagens como a que hoje a Câmara dos Deputados presta à memória de um ilustre brasileiro possa se repetir neste Plenário, para demonstrar a grandeza dos homens que integram a 8.^a Legislatura do Poder Legislativo brasileiro.

O SR. A. H. CUNHA BUENO — Agradeço o aparte ao eminente Deputado Ivahir Garcia, que, como representante do Estado de São Paulo, representa também a região que viu nascer o grande brasileiro Plínio Salgado.

Continuo:

Com destemor afirmou, aliás, no último artigo que escreveu para a imprensa, às vésperas da morte, e que o **Diário de São**

Paulo publicou a 15 de dezembro de 1975, sete dias depois de se extinguir a sua prodigiosa existência. Nele dizia Plínio Salgado:

"O corpo do Homem, sendo matéria, não é livre, porque está sujeito às leis físicas, mas o Espírito do Homem é livre, porque independe da sujeição da matéria. Logicamente todo aquele que afirmar ser o Homem apenas um ser físico, de cujo mecanismo orgânico em funcionamento decorre uma inteligência mortal, simples superestrutura (como dizem os comunistas), todo aquele que se manifestar desse modo, materialista, não pode dizer que defende a liberdade humana. Só os espiritualistas podem e devem pugnar pela liberdade. Essa a razão pela qual meus amigos e eu nos batemos pela liberdade contra toda a espécie de despotismo, entre cujas formas avulta o Estado Totalitário, seja o nazista, seja o comunista."

A essa derradeira página, em que trilha toda a coerência do seu espírito, deu Plínio Salgado o título "Por que me Odeias?" e aí traça o seu auto-retrato, de maneira e por tal forma impressionante, que não resisto, Sr. Presidente, em reproduzi-lo aqui, para que esteja presente entre nós, melhor do que eu poderia ambicionar fazê-lo, Plínio Salgado — em seu corpo e alma:

"... um modesto brasileiro, cuja simplicidade não provém de uma atitude estudada, mas exprime o próprio modo de ser dos caboclos humildes da nossa terra. Porque o que existe em mim é o que se pode encontrar em nossos patrióticos do sertão: o amor a tudo o que se chama brasilidade, e apego às nossas tradições, o sentimento familiar e patriarcal inerente ao teor de vida das cidades do interior, o instinto de defesa da Nacionalidade e da Religiosidade patrias, resultando tudo naquele senso de equilíbrio e de justas medidas ao qual repugna a demagogia que envenena as turbas e as agitações perturbadoras do ritmo tranqüilo e fecundo do trabalho nacional. É isto o que sou e como tal me conhecem os que me viram e ouviram, os que observaram a minha vida de homem particular e de homem público."

Ouço o Deputado Navarro Vieira.

O Sr. Navarro Vieira — Nobre Deputado Cunha Bueno, de início desejo parabenizá-lo pelo seu discurso e pela feliz iniciativa de homenagear o grande homem público que foi Plínio Salgado. Já se falou aqui da sua capacidade como escritor, como chefe de família, como condutor de massas, mas um aspecto deixou de ser focalizado com o devido interesse. É que Plínio Salgado, o grande líder democrata, foi um brado de alerta constante contra a infiltração marxista em nossa pátria. Desde 1932, vendo a mocidade em disponibilidade ideológica, chamou-a, desfraldando a bandeira do mais puro nacionalismo. Aquela época eu não acreditava no idealismo dos integralistas. Em 1935, quando da Intentona Comunista, lendo em todos os jornais o telegrama que o chefe nacional da Ação Integralista Brasileira dirigiu ao então Presidente da República, Dr. Getúlio Vargas, oferecendo cem mil homens de camisas verdes para combater o comunismo, entusiasmei-me e fui cerrar fileiras com aqueles que o seguiam. E quando adentrei o primeiro núcleo integralista deparei-me com aquela frase primeira,

que desejo deixar aqui registrada: "Antes de transpores esta porta, consulta o teu coração: és capaz de renunciar a prazeres, ambições, interesses, à própria vida pela grandeza da Pátria? Se ele te disser "sim", então entra, e encontrarás aqui teus irmãos e tua glória". E fui tocado pelo espírito de renúncia. Quantas incompreensões sofreu e vem sofrendo, até depois da morte, aquele grande brasileiro? Quantas perseguições e calúnias sofremos todos nós que o seguimos? Mas eu me orgulho de haver seguido aquele grande chefe e, caso necessário, eu recomençaria tudo de novo, se tivesse outro Plínio Salgado a me orientar. O mal de Plínio Salgado é o de não ter sido conhecido e compreendido convenientemente. O Deputado Herbert Levy, ao apartear o Deputado Oswaldo Zanello, disse muito bem que só depois de 1964 é que pôde conviver com Plínio Salgado e com ele trilhar os caminhos que levam à conquista da grandeza desta Pátria. Volto, então, às incompreensões. Entrei para o integralismo por ser um movimento essencialmente cristão e espiritualista. Nesta Casa do povo brasileiro há ainda quem confunda o espiritualismo integralista com o nazi-fascismo, que é a doutrina embasada, o fascismo, no agnosticismo, e o nazismo, no "super-homem" de Nietzsche. Se se faz tanta confusão, até depois da morte daquele ilustre homem público, é bom que se esclareça o que foi a doutrina pregada por Plínio Salgado. É conveniente que mande ler, a quem quer conhecer a realidade histórica daquele movimento, "Palavras Novas e Tempos Novos", publicado em 1938, quando o nazismo estava no seu apogeu e onde o grande intelectual Plínio Salgado, censurando o "super-homem" de Nietzsche, condenava a orientação que estava seguindo a Alemanha, concluindo aquele artigo memorável, dizendo: "Espero que a grande Alemanha nunca chegue a naufragar em tamanha profundidade do ateísmo". Sr. Deputado Cunha Bueno, gênios como Plínio Salgado nascem de cem em cem anos. Ele se abeberou nos ensinamentos de Alberto Torres e Oliveira Vianna e, da mesma forma, esperamos que neste século nasça outro homem chelo de idealismo e de amor à Pátria que se inspire nos ensinamentos de Plínio Salgado, criando uma nova doutrina, para que nós, que recebemos das mãos de Deus um grande País, possamos legá-lo maior ainda à posteridade. Grato a V. Ex.^a pelo aparte.

O SR. A. H. CUNHA BUENO — Agradeço a V. Ex.^a o aparte. O nobre Deputado Navarro Vieira foi um dos homens com os quais Plínio Salgado, aqui nesta Casa e no seu Estado, Minas Gerais, sempre contou nas horas difíceis, em que a política do País necessitava de colaboradores.

Tem o aparte o Deputado Cardoso de Almeida.

O Sr. Cardoso de Almeida — Nobre Deputado, associo-me às homenagens que se vêm prestando à memória do grande homem que foi Plínio Salgado. Todos aqui já demonstraram o grande valor político e intelectual do eminente patricio. Quanto a mim, desejo ressaltar a inestimável contribuição que aquele insigne homem público nos deu através de sua obra e das idéias que defendia nesta Casa, as quais muito representaram para o Brasil, já que S. Ex.^a, em sua luta contra o comunismo, apregoava constantemente os riscos que tal regime representava para a nacionalidade brasileira. Quero, pois, homenagear a memória daquele homem que durante toda sua vida defendeu nossa Pátria contra o perigo comunista, que ainda ameaça este País.

O SR. A. H. CUNHA BUENO — Agradeço o aparte ao Deputado Cardoso de Almeida, da representação de São Paulo, uma vez mais confirmando as qualidades morais e intelectuais de Plínio Salgado.

Sr. Presidente, Srs. Deputados, muito mais deveria ser acrescentado a esta homenagem sincera que, em nome dos meus e de São Paulo, bem como da liderança do Governo nesta Casa, presto à memória de Plínio Salgado, mas os limites do tempo regimental não nos permitem.

Professor, jornalista, Deputado Estadual à Assembléia Legislativa paulista, Deputado Federal por São Paulo e pelo Paraná, filósofo, sociólogo, líder político, candidato à Presidência da República, escritor, romancista, poeta, preso e exilado político, tribuno, conferencista, fundador de dois partidos políticos — a Ação Integralista Brasileira e o Partido de Representação Popular — ele foi, sobretudo, o brasileiro e o cristão de quem recentemente afirmou D. Antônio de Almeida Morais Júnior, Arcebispo de Niterói: “Um homem que sempre viveu pensando nos outros, esquecendo-se de si próprio e que se transformou num patrimônio da Pátria”.

Ouçõ o Deputado Israel Dias-Novaes.

O Sr. Israel Dias-Novaes — Deputado Cunha Bueno, meus cumprimentos e os da bancada estadual paulista do MDB a V. Ex.^a, pela iniciativa de reverenciar, nesta tarde, a memória de um homem que tanto honrou esta Casa. Plínio Salgado, no seu ideário político, pode ter criado adversários, e os criou. Teve inimigos que jamais pouparam sua pregação, julgada, geralmente, de direita, mas por ele considerada de centro e democrática. Sua ideologia política foi determinada por um certo instante filosófico mundial — como diríamos, por uma onda política. Daí nasceu sua idéia de integralizar o País, daí a Ação Integralista. Mas, se sua teoria política, se seu ativismo partidário provocou discordâncias e até mesmo polêmicas acesas em todo o País, sobre sua figura de escritor e sua obra de pensador não pairam dúvidas. Plínio Salgado, na literatura brasileira, foi uma das vozes inaugurais da nossa modernidade. Poeta parnasiano, de começo, em 1926, publicou “O Estrangeiro”, romance que na verdade inaugurou a série novelística urbana do nosso País. “O Estrangeiro” — que V. Ex.^a leu e sobre o qual já trocamos idéias — focalizava a assimilação do elemento alienígena, sobretudo do elemento italiano, na sociedade paulista e brasileira. Então, do tema da assimilação, como da chegada desse contingente novo e internacional para a Pátria nascente. Plínio Salgado extralou um romance de verdadeiro interesse, até mesmo documental. Estilisticamente, reivindicava ele, com acerto, a condição de pioneiro, de vanguardeiro da verdadeira língua brasileira, de um idioma que não recorresse a regionalismos herméticos e meramente circunstanciais, mas uma língua brasileira dinâmica, de períodos curtos, em que se revivesse a grande, a dominadora tradição portuguesa da nossa linguagem literária. Os trabalhos subsequentes de Plínio Salgado, já aí marcados pelo timbre político, como “A Voz do Oeste”, “O Cavaleiro de Itararé”, poderiam ser secundários na sua obra, mas de toda forma servem para testemunhar a grande contribuição de um brasileiro ao pensamento do seu País. V. Ex.^a está de parabéns pela iniciativa que o trouxe à tribuna nesta tarde de Brasília.

O SR. A. H. CUNHA BUENO — Agradecemos o aparte do nobre Deputado Israel Dias-Novaes ao nosso pronunciamento.

Sr. Presidente, Srs. Deputados, Juscelino Kubitschek, com quem Plínio Salgado disputou a Presidência da República, escreveu, à hora da morte de nosso ex-colega:

“De costas voltadas para o mar, anteviu a necessidade da integração nacional, indicando às gerações moças as veredas dos Bandeirantes rumando para o Oeste. Seu valor literário concede-lhe a autêntica palma da imortalidade e sua “Vida de Jesus” o inscreve entre as maiores expressões da cristologia. Sinceramente convencido das transformações políticas, defendeu suas idéias bravamente, vindo posteriormente a se tornar um evangelizador que levou a todos os cantos uma mensagem de civismo.”

Ao terminar, permito-me lembrar aos meus pares o décimo artigo do “Código de Ética” que Plínio Salgado nos deixou em seu discurso de despedida deste Parlamento:

“No exercício da função parlamentar, fortificai, dia a dia, a consciência da vossa responsabilidade perante Deus e o vosso amor à Pátria. Com sadio otimismo, inflamai-vos de entusiasmo pelo que fomos no passado, pelo que representamos no presente, pelo que seremos no futuro. Promovei, dentro e fora do Parlamento, em todas as oportunidades, a mística da Grande Nação, e assim dareis alta expressão ao Poder Legislativo, prestigiando-o como sustentáculo da ordem interna, do equilíbrio dos Poderes e da sua projeção entre os povos civilizados.”

Sr. Presidente, Srs. Deputados, Plínio Salgado nasceu, viveu e morreu pobre de bens materiais. Apesar de autodidata, os esplendores da sua cultura tornaram-no um dos valores autênticos da brasilidade.

A verticalidade de seu espírito é uma lição que revive com sua morte. (O orador é abraçado.)

O SR. PRESIDENTE (Célio Borja) — Concedo a palavra ao Sr. Agostinho Rodrigues.

O SR. AGOSTINHO RODRIGUES (ARENA — PR. Pronuncia o seguinte discurso.) — Sr. Presidente, Srs. Deputados, faleceu em São Paulo, no dia 8 de dezembro findo, Plínio Salgado, nosso companheiro nesta Casa e com quem tivemos a ventura e o raro privilégio de conviver durante longos anos. Nunca é demais rendermos ao notável homem público as homenagens a que ele tanto fez jus. E aqui estamos também para reverenciar a memória daquele que foi, por seus méritos, grande vulto nacional, e que ficará em nossa História como brasileiro ilustre e figura de autêntico patriota.

Simple na aparência, afável no trato, desapegado das coisas materiais, profundamente sensível, foi Plínio Salgado um talento que se consumiu no amor à Pátria.

Poeta brilhante, orador emérito, romancista, homem de pensamento e ação, destacou-se intensamente no plano literário, tendo sido um dos nomes mais importantes e representativos de

nosso modernismo, vindo, mercê de suas idéias, a projetar-se na qualidade de político admirável em todo o território nacional.

Fundamentando sua atividade em princípios filosóficos e doutrinários, dos quais jamais se afastou, com as energias dos que se nutrem do espírito e dos valores mais altos da religião, Plínio Salgado balizou o seu itinerário de combatente com os marcos firmes da idéia, traçando uma linha de coerência e respeito ao pensamento, como raras vezes se tem visto na História e na vida dos grandes condutores de povos.

Político atuante, jamais buscou o poder pelo gozo do poder. Tanto assim que curtiu as incertezas e agruras do exílio ao recusar o cargo de Ministro da Educação, que lhe foi oferecido por Getúlio Vargas, de cuja política discordou ao instaurar-se o regime do Estado Novo.

Demonstrando fidelidade ao que sempre pregara, retomando sua bandeira de luta em prol do Brasil e da afirmação de sua personalidade, como Pais e povo, no campo internacional — luta iniciada desde seus tempos de moço — Plínio Salgado, sem temer o efeito da incompreensão, das aleivosias e da perseguição que sofreu durante o período ditatorial, mas apenas para confirmar as suas convicções e o seu idealismo, concorreu às eleições presidenciais de 1955, muito embora tivesse como certa a impossibilidade de sua vitória.

Chefe de um pequeno mas disciplinado e respeitável Partido, de conteúdo ideológico definido, graças a seu prestígio inegável, por dezesseis anos consecutivos pertenceu a esta Casa, representando o povo de meu Estado e do Estado que o viu nascer, na pequena cidade de São Bento do Sapucaí.

Na qualidade de Deputado Federal — e disto todos que aqui o conheceram dão testemunho — honrou e dignificou o Congresso com o seu imenso talento, a sua prodigiosa capacidade de trabalho, o vigor e o brilhantismo de sua inteligência e seu indefectível patriotismo, tanto na tribuna, em discursos memoráveis, como nas Comissões de que participou.

Possuía Plínio Salgado, quer na palavra, escrita ou falada, quer na sua atuação, as características de um apóstolo, ou, para muitos, as qualidades de reformador social. Ele tinha consciência de possuir tais virtudes. Como que antevendo seu destino, na intuição dos gênios e premonição dos poetas, jovem ainda, na sua cidade natal, pronunciando conferência em Benefício da Boa Imprensa e da Confraria de São Vicente de Paulo — talvez seu primeiro trabalho dado a público — Plínio Salgado afirmou: “Não passa impunemente sobre a terra aquele que inicia as grandes reformas sociais”, para proclamar em seguida: “Empolga-me a vertigem das grandes alturas e pressinto a minha queda.”

O Sr. Pacheco Chaves — Nobre Deputado, faz bem V. Ex.^a em acentuar as características intelectuais e a capacidade literária de nosso ex-colega Deputado Plínio Salgado. Seu companheiro na Câmara dos Deputados por muitos anos, tive oportunidade de verificar sua atuação nesta Casa do Congresso Nacional e sua participação nos debates e nas lutas políticas do passado. Sobre-tudo pude apreciar, relativamente há pouco tempo, na Legislatura passada, esplêndida intervenção de Plínio Salgado ao referir-se à

"Semana de Arte Moderna", comemorada em São Paulo em 1922. A memória de Plínio Salgado, sua capacidade de trazer para o presente as figuras e as idéias que naquela época haviam produzido aquele extraordinário movimento político, social e artístico que foi a "Semana de Arte Moderna", dão testemunho do quanto Plínio Salgado era moderno em seu tempo, antecipando-se ao futuro, pois em 1922 já era um homem dos dias do presente. Ressalta muito bem V. Ex.^a o extraordinário papel de nosso ex-companheiro político, figura também de destaque na literatura e na sociologia brasileiras.

O SR. AGOSTINHO RODRIGUES — Agradeço a V. Ex.^a o aparte, que vem abrilhantar as palavras que vimos de proferir acerca da personalidade invulgar de Plínio Salgado como escritor.

Prossigo, Sr. Presidente.

Estão, de fato, nessas palavras da juventude, os delineamentos — ou o esboço — de toda a existência do franzino caboclo de São Bento do Sapucaí. Incompreendido nos seus gestos, deformado quanto ao seu pensamento, combatido tenazmente, caluniado, perseguido, preso, exilado da Pátria, sofreu Plínio Salgado, segundo suas próprias palavras, a injúria do mais grave dos pecados contra o espírito: a contradição da verdade evidente. Negou-se seu idealismo, falseou-se sua obra, ignorou-se seu valor e, muitas vezes, colocou-se em dúvida seu inegável patriotismo.

Não se realizou, contudo, o vaticínio da queda, pois não teve o poder, nem jamais ambicionou a glória dos poderosos. Se foi seguido no fastígio de sua carreira política por quase um milhão de brasileiros, e se sua influência ainda se faz sentir no campo da cultura, isto se deve ao prestígio de sua personalidade invulgar e à riqueza de seu pensamento.

Artista da palavra, pensador profundo, surgiu Plínio Salgado no cenário nacional de forma empolgante, arrebatando o entusiasmo da crítica com seu primeiro grande livro — "O Estrangeiro" — ao qual se seguiram "O Cavaleiro de Itararé" e "A Voz do Oeste", constituindo-se essa trilogia, mediante a técnica do romance, num estudo exaustivo e numa análise interpretativa, séria e acurada de nossa realidade sócio-cultural, que abre novas perspectivas para a compreensão de nossa psicologia de povo, da História e do destino histórico do Brasil.

O Sr. Norberto Schmidt — Permita-me, eminente Deputado Agostinho Rodrigues. Quero dizer a V. Ex.^a, cumprimentando-o pelo seu magnífico pronunciamento, que, quando vim para esta Casa, em 1960, aqui já encontrei o saudoso Deputado Plínio Salgado. Reportando-me ao que dizia V. Ex.^a, há poucos instantes, sobre nosso ilustre homenageado — "esse artista da palavra" — desejo afirmar que não era esse o predicado mais forte de Plínio Salgado. S. Ex.^a possuía uma coragem extraordinária, ao lado de uma cultura impar. Posso testemunhar que o Deputado Plínio Salgado não era muito assíduo na tribuna desta Casa, mas, quando pronunciava seus discursos, dava verdadeiras aulas de civismo. Na Câmara dos Deputados, poucos Parlamentares eram tão destemidos quanto S. Ex.^a Não tive oportunidade de acompanhar seu raciocínio, mas nele o que mais admirava era a sua coragem de dizer o que pensava. Assim conheci Plínio Salgado, em

1960, e assim ouvi seu último pronunciamento nesta Casa. E o admirei — repito — porque o que mais admiro em um homem é a sua capacidade de dizer francamente aquilo que pensa, sem receio e sem rodeios. Muitos enfeitam seus pensamentos com palavras, dizendo exatamente o contrário do que pensam; Plínio Salgado dizia precisamente o que pensava. Vale o testemunho da homenagem que hoje lhe estamos tributando. Embora tardiamente, cumprimento os Deputados Osvaldo Zanello e A. H. Cunha Bueno pelos magníficos discursos que proferiram e todos os Deputados que tiveram a honra de ouvir as palavras de S. Ex.^a Congratulo-me com V. Ex.^a pelo seu pronunciamento.

O SR. AGOSTINHO RODRIGUES — Agradeço a V. Ex.^a o aparte.

Prossigo, Sr. Presidente:

Vocação de apóstolo, desde os primeiros escritos de sua mocidade, toda a existência de Plínio Salgado foi demarcada por duas coordenadas que o definem como um dos maiores brasileiros de nosso tempo: Deus e a Pátria. Dentro delas, de modo coerente e com fé inquebrantável, situou-se a sua luta e se desenvolveu toda a sua atividade de jornalista, poeta, romancista, pensador e político.

Com vasta e rica bibliografia política, foi, porém, como escritor católico, discorrendo sobre tema universal e profundo, que Plínio Salgado produziu sua obra-prima, “destinada a ser uma jóia da literatura”, segundo as palavras do Pe. Leonel Franca, sem dúvida a maior expressão cultural do catolicismo brasileiro da idade contemporânea. A respeito desse livro extraordinário — “Vida de Jesus” — apresentando-o na tradução italiana, assim se manifesta o teólogo Pe. Mondrone, em longa apreciação crítica, publicada na revista “Civiltà Cattolica”:

“Esta vida revela a mão do artista autêntico da palavra. Plínio Salgado tem no seu estilo as melhores tradições da literatura portuguesa e a riqueza colorida e ardente do solo de seu País.”

E mais adiante:

“A erudição histórica, arqueológica, folclorística, sociológica, política, ambiental, não obstante alguma inevitável inexactidão, são mui abundantes em suas páginas.”

Demonstrando conhecer toda a obra do autor, antes de entrar na análise da “Vida de Jesus”, escreve o mesmo crítico:

“Entre os livros de Plínio Salgado, não há um sequer que não satisfaça a uma íntima e viva exigência espiritual e não seja um testemunho do ideal cristão, ao qual está dirigida toda a sua vida de indivíduo e de cidadão e no qual se enquadra a sua visão do mundo. Cada livro seu não é somente um prazer visto que ele conhece e maneja bem o segredo de tornar agradável a leitura, mas é um impulso que vai diretamente às inteligências e as faz pensar. A arte de escrever é para ele uma arma a serviço da idéia.”

O Sr. João Alves — Nobre Deputado Agostinho Rodrigues, convivi durante mais de dez anos com Plínio Salgado e pude conhecer e sentir o seu valor moral, intelectual e patriótico. Combatia ele tudo aquilo que contrariasse e ofendesse os postulados de Deus. Em boa fé, ninguém poderia jamais acusá-lo de fascista, nazista ou de adotar qualquer ideologia contrária aos interesses nacionais e aos postulados de Cristo. Na realidade, Plínio Salgado foi um verdadeiro apóstolo de Jesus. Defendeu com ardor e constância tudo aquilo que Cristo e seus apóstolos pregaram. Nesta Casa, sempre defendi também os mesmos princípios, mas nunca fui integralista. Aliás, não precisava ser para defender o Bem como fez Plínio Salgado. Combatia, como combate até hoje, o comunismo, o fascismo e o nazismo, e em um dos meus discursos tive a satisfação de ler um artigo de sua autoria, publicado num jornal de São Paulo. Tão belo foi que decorei o seu final: "O discurso de João Alves é um brado de alerta, de patriotismo, de brasilidade e de superiores ideais humanos, uma oração parlamentar que deve ser difundida em todo o País como a voz de alguém que viu, sentiu e interpretou o mais grave problema que nos aflige; traçou o diagnóstico da nossa mais terrível enfermidade social e chama a atenção dos poderes públicos que devem urgentemente aplicar a terapêutica necessária à salvação nacional". Um homem dessa natureza, dessa categoria, desse gabarito, de nada mais poderia ser chamado neste mundo senão de apóstolo do bem, senão de apóstolo de Deus. E eu defenderei sua memória onde quer que me encontre, até o fim de minha vida, porque ele fez o que poucos tiveram a coragem de fazer neste País: defendeu com ardor, entusiasmo, bravura e coragem aquela trilogia santa: Deus, Pátria e Família.

O SR. AGOSTINHO RODRIGUES — Agradeço a V. Ex.^a o aparte. Prossigo, Sr. Presidente:

Complementando o que diz o eminente crítico italiano sobre a erudição e a inteligência de Plínio Salgado, lembramos aqui as páginas em que revela sua alma de poeta e o saber de tupinólogo profundo, ao descrever, com finura artística, os "Mistérios da toponímia brasileira", um dos capítulos de "Como nasceram as cidades do Brasil", obra editada em Portugal — quando ele estava no exílio — donde nos veio também "Vida de Jesus", de par com significativas outras, tais como "A imagem daquela noite", "A mulher no século XX", "Aliança do Sim e do Não".

Comprovando ainda seu espírito multiforme, ao projetar-se no campo da cultura, está o "Direito e Deveres do Homem", onde surge Plínio Salgado como filósofo, sociólogo e jurista. Escreveu-o na travessia do Atlântico, como tese para as "Conversações Católicas Internacionais" de San Sebastian, na Espanha, congresso de intelectuais católicos de que participou, sendo convidado pessoal, em 1948, de forma lapidar, com serenidade e justeza. Os pronunciamentos de Jacques Maritain, Mahatma Ghandi, Benedito Croce e outras notáveis personalidades foram consultados para a elaboração da "Declaração dos Direitos Humanos" da ONU. Depois de feita a crítica desses pronunciamentos, expõe seu ponto de vista do ângulo de grande profundidade e completo respeito às idéias e princípios doutrinários que sempre informaram, desde o começo, sua atividade de escritor e político.

Ouçó, com prazer, o aparte do nobre Deputado João Vargas.

O Sr. João Vargas — Nobre Deputado Agostinho Rodrigues, associo-me à homenagem que V. Ex.^a presta à memória do grande brasileiro com quem tivemos a honra de conviver nesta Casa. Eu, por quatro anos; V. Ex.^a por muito mais tempo. Aprendi, durante a convivência com Plínio Salgado, a admirá-lo, a respeitá-lo e a ver em sua pessoa o grande patriota, o idealista, o homem culto, de grande inteligência e muita sabedoria. Nesta Casa, deixou a marca indelével de seu exemplo, seus ensinamentos e seu idealismo. V. Ex.^a, neste instante, exalta as excelsas qualidades daquele homem que deixou na literatura nacional obras que merecem o respeito e a admiração de todos os brasileiros.

O SR. AGOSTINHO RODRIGUES — Agradeço a V. Ex.^a o aparte.

Aliás, Sr. Presidente, a vida e a obra de Plínio Salgado constituem uma unidade indestrutível. Foi um intelectual comprometido com suas idéias. Foi, como se costuma dizer, um escritor engajado — termo que não tem qualquer conotação pejorativa; antes, bem ao contrário, motivo de admiração e respeito pela coerência que sempre manifestou, na condição de artista, pensador e político.

Assim é que não se pode dissociar da pessoa de Plínio Salgado o movimento que ele criou, organizou e dirigiu, empolgando enorme número de brasileiros de todas as camadas sociais; brasileiros da cidade e do campo, nas fábricas e academias, nas escolas e nas Forças Armadas. Contou esse movimento político, de caráter cívico-cultural, com a simpatia de grande parte de nosso povo e a incompreensão, a repulsa e o ódio não só daqueles que ideologicamente se lhe opunham, como dos que jamais procuraram conhecê-lo, além de suas exterioridades, deixando-se conduzir pela propaganda contrária, principalmente à época de obscurantismo político que caracterizou o Estado Novo, quando se calou a voz e se impediu a defesa dos perseguidos. Refiro-me, Sr. Presidente, ao Integralismo, a respeito do qual sinto-me inteiramente à vontade para falar, sem qualquer comprometimento de ordem ideológica, despido de qualquer intenção e sem qualquer compromisso, porquanto jamais cerrei fileiras nas hostes da Ação Integralista Brasileira, nem pertenci ao Partido de Representação Popular, que lhe sucedeu, a partir de 1946, após a reconstitucionalização do País, com o mesmo conteúdo doutrinário, mas já sem as manifestações de superfície, no plano sentimental, marcado por gestos, ritos e cerimônias que identificaram o movimento na aparência, com o fascismo totalitário.

Tendo minhas origens políticas no extinto Partido Republicano — a que deu dignidade e brilho no meu Estado, a figura extraordinária de Bento Munhoz da Rocha Neto, de cuja inteligência, formação moral e cultural conserva gratas recordações esta Casa, que ele soube honrar e engrandecer — nem por isso deixei de procurar saber o que significava o Integralismo na vida nacional. Li, assim, algumas de suas obras doutrinárias e pude conhecê-lo, como manifestação dessa doutrina, na vida e na conduta de conhecidos e amigos, muitos deles meus companheiros de combate nos campos da Itália, como Ari Rauem, morto nos campos de Montese, e Mário Montanha Teixeira, ferido gravemente em Monte Castelo.

Vendo-os firmes na sua posição ideológica mas leais, de espírito aberto, tolerantes, sem fanatismo, percebi a importância dos ensinamentos de Plínio Salgado. Dentro desse quadro podemos citar, entre os mortos, as pessoas de Jorge Lacerda — que veio a ser Governador de Santa Catarina — João Batista Zagonel Passos e Edgar Távora, altas expressões morais, que deixaram na Assembléia Legislativa do Paraná e em relevantes funções públicas exercidas no Governo do eminente Sr. Munhoz da Rocha exemplos de dignidade, exação no cumprimento do dever, zelo pelo bem comum e patriotismo, que enaltecem, tal como enalteceu Bento, a gente paranaense.

Não tendo conquistado o poder não se pode dizer o que foi o Integralismo, como regime político instaurado. Sua análise, assim, só será possível no campo teórico. Não vou aqui, Sr. Presidente, defender ou atacar essa doutrina agora incluída no elenco das filosofias sociais e políticas, em face da democracia. Limitar-me-ei apenas sem cuidado cronológico, à citação de alguns trechos, extraídos das obras de Plínio Salgado.

Da conferência “A Boa Nova”, pronunciada em 1919, em São Bento do Sapucaí, a que já nos referimos:

“Sem um forte idealismo político, moral ou religioso, cada espírito é, por enquanto, um gesto a procurar um roteiro seguro.”

Em “Literatura e Política”, de 1927:

“Durante um século de independência política, nunca tomamos parte nos debates em que se discutem os destinos do Brasil... Temos sido uma nação culta, porém jamais fomos uma nação pensante.”

E mais:

“Aparecem duas tisanas para as doenças da Europa: o comunismo e o fascismo. Ambos, materialistas, decretam a falência da democracia: ou triunfa o imperialismo econômico baseado no nacionalismo, no fascismo, na ditadura militar, ou vence o imperialismo político da Terceira Internacional. Será esse o dilema para os jovens povos da América?”

E, ainda, do mesmo livro:

“Responsabilidade enorme a que nos coube: a de consolidar a consciência democrática dentro da qual deve dar-se a afirmação integral do Brasil.”

Em “Despertemos a Nação”, livro de 1935, numa arrancada euclidiana:

“Ou coordenamos as linhas mestras da nossa nacionalidade, ou falhamos como povo masculino. Porque há povos masculinos que fecundam, e povos femininos que se deixam fecundar.”

E mais:

“Nosso nacionalismo é de afirmação, de colaboração coletiva, de igualdade dos povos e das raças, de liberdade do

pensamento, de crença na predestinação do Brasil na humanidade, de fé em nosso valor de construção nacional.

Aceitamos todas as instituições conservadoras, pois é dentro delas mesmo que faremos a inevitável renovação do Brasil."

Em "O Estrangeiro", romance de 1926:

"As instituições americanas repousam na rocha viva dos Direitos do Homem. Quando desabar o dilúvio russo, as suas últimas ondas virão morrer aqui, de encontro a estas paredes da Imigração... E a América, então, reconstruirá o que estiver destruído no mundo."

Ainda do mesmo romance:

"Indignos todos os seres que falam como os papagaios, sem pôr nas palavras a força e o calor da terra."

E mais adiante:

"Os governos ditatoriais e absorventes da personalidade humana criam o maior perigo à sua própria estabilidade: a montanha de gelo das unanimidades, pronta a desabar, quando desabar o sol, que chamaremos Lenine, ou um outro caudilho qualquer."

Do "Manifesto para a Legião Revolucionária de São Paulo", publicado em 5 de março de 1931:

"Desde a monarquia temos vivido sob a preocupação de impor ao nosso País sistemas políticos estrangeiros... Assim, não devemos transplantar para o Brasil nem fascismo, nem outros sistemas exóticos."

Em "Páginas de Combate", de 1937, sob o título "Messianismos", escreve e ordena:

"O Integralismo não se baseia no culto de um homem, no fanatismo da massa em torno de um herói."

E adiante: "Determino que os integralistas pensem menos em mim e mais em nossa doutrina", reiterando logo mais: "Recomendo aos integralistas que não se preocupem com minha pessoa, mas com as idéias de que fui portador num momento histórico". Esclarece, em seguida: "O Messias era um só e já veio para iluminar todo o gênero humano". E continua, no corpo do artigo: "Um povo que espera o Salvador e não dá um passo para se salvar, por si mesmo, é um povo destinado à escravidão e ao capricho do primeiro aventureiro", observando, mais adiante: "Seguir um homem, sem motivos ideológicos, é uma indignidade, ainda quando esse homem possua as maiores virtudes".

Muitas outras citações poderíamos apresentar em que se nota a preocupação de Plínio Salgado pelos destinos do Brasil. Teve, como constante, em todos os seus passos e em todos os seus atos, a virtude do patriotismo, que lhe marcou toda a existência, minuto a minuto ardentemente vivida.

Ancorado na fé inabalável que o animava, jamais desesperou; respeitou a dignidade do pensamento; amou profundamente a

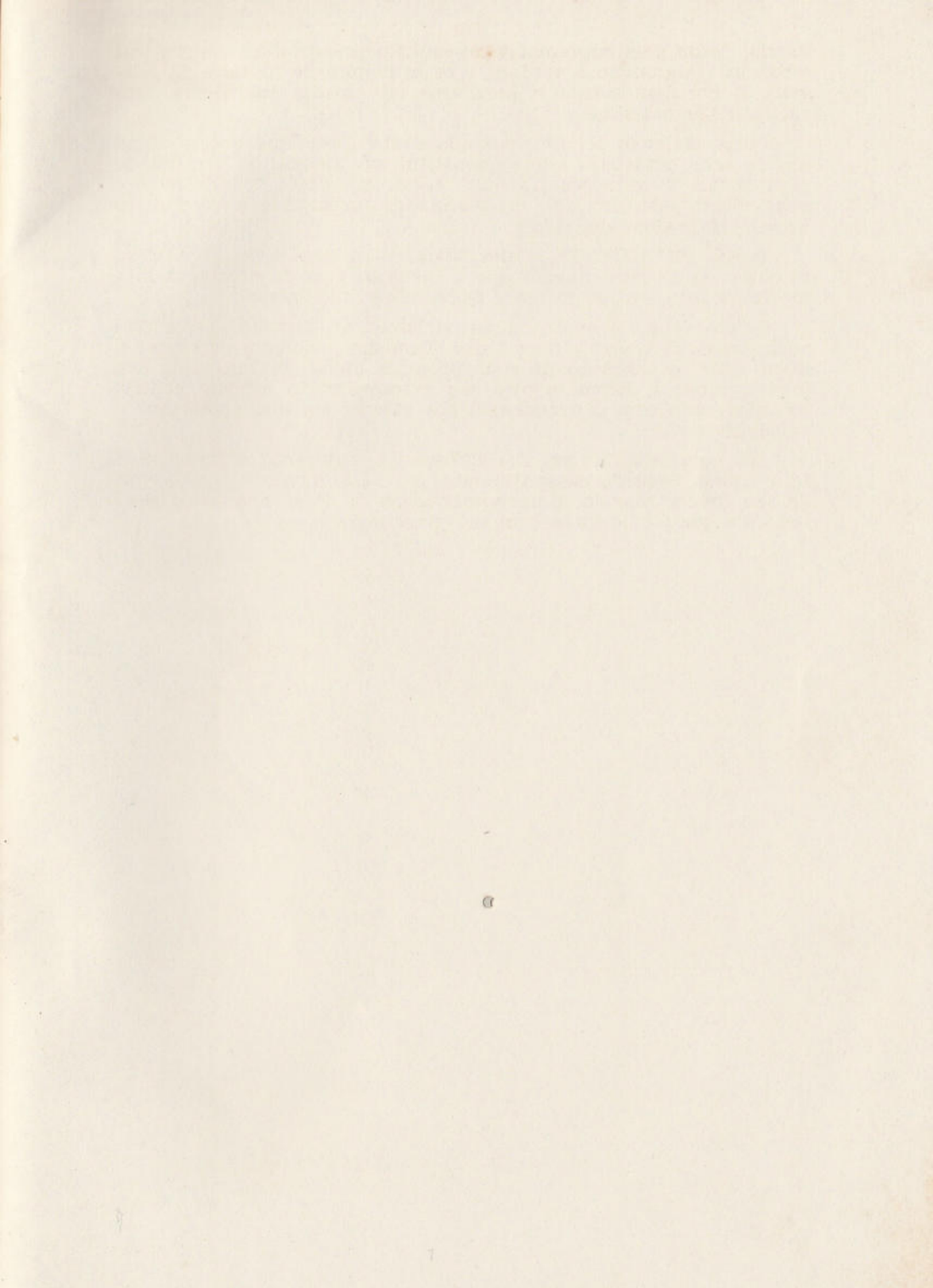
Pátria; lutou pela supremacia do espírito; mostrou-se sempre leal e corajoso; defendeu a verdade e os princípios da moral e da religião. E por isso sofreu e para isso não mediu sacrifícios, sem vacilações nem temor.

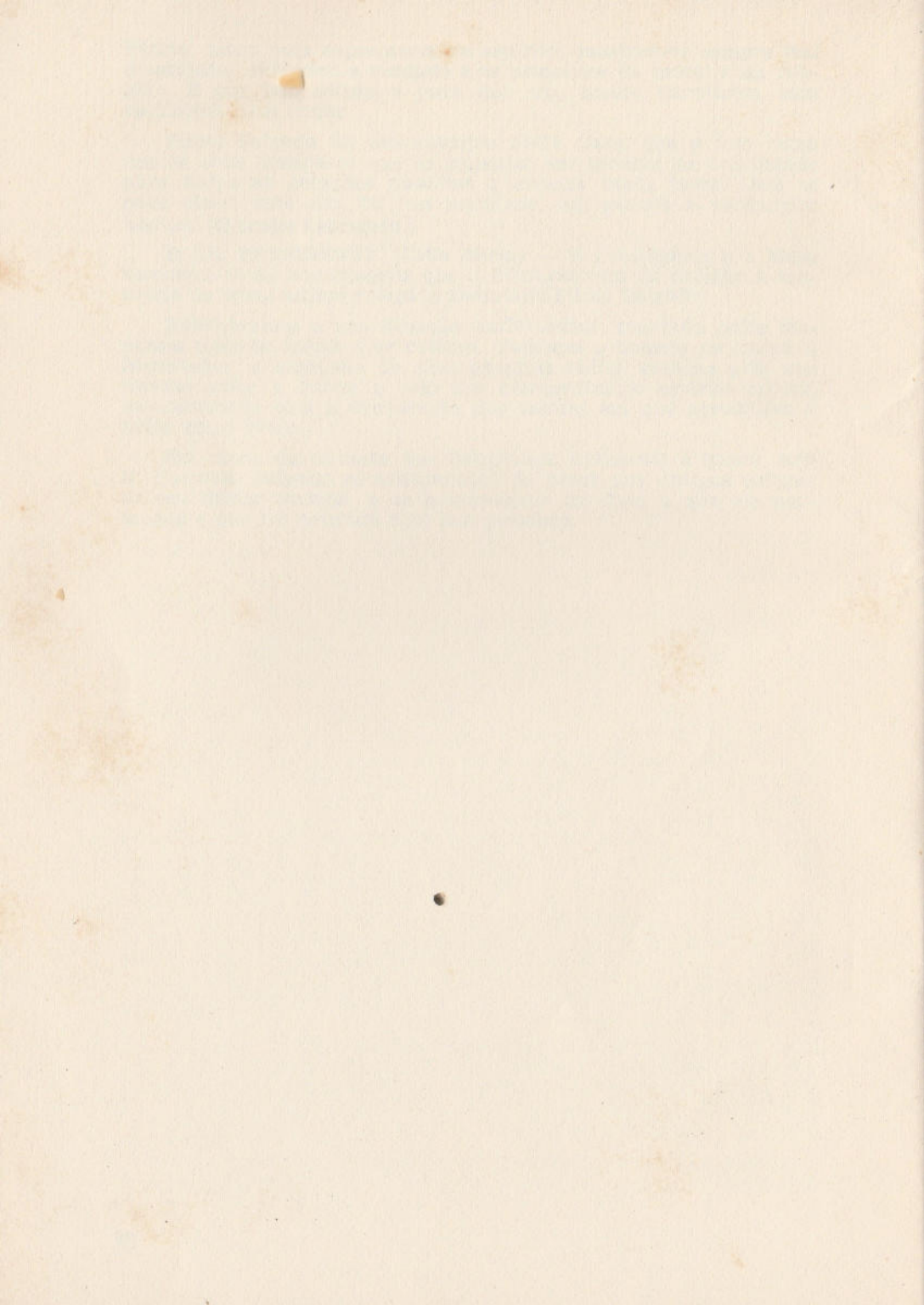
Plínio Salgado foi um exemplo nesta Casa, que o tem como um de seus luminares que se constitui em modelo de brasilidade para todas as gerações nascidas e criadas nesta terra. Dele se pode dizer: este sim, foi, na realidade, um grande e verdadeiro homem! **(O orador é abraçado.)**

O SR. PRESIDENTE (Célio Borja) — A Presidência e a Mesa associam-se às homenagens que o Plenário vem de prestar à memória de nosso antigo colega, o Deputado Plínio Salgado.

Relembramos a sua atuação parlamentar, marcada pelos discursos ricos de idéias e de cultura. Também o homem de letras, o historiador, o campeão de suas próprias idéias geradas pelo seu imenso amor à Pátria e pelo seu extraordinário espírito crítico, inconformado com a decadência dos valores em que acreditava e pelos quais viveu.

Em nome da Câmara dos Deputados, apresento à Exma. Sr.^a D. Carmela Salgado os sentimentos de pesar dos antigos colegas de seu ilustre marido, e as homenagens da Casa a que ele pertenceu e que foi honrada com sua presença.







SENADO FEDERAL
CENTRO GRÁFICO